

ESPAÇO

JORNALISTA MARTINS DE VASCONCELOS



Organização: Clauder Arcanjo

clauderarcujo@gmail.com

Quando o passado visita o presente em forma de saudade...

ÂNGELA RODRIGUES GURGEL

Autora de Ensaio Poético e Confissões Crônicas, idealizadora da confraria Café & Poesia.

angelargurgel@gmail.com



Papai, nos últimos dias tenho sentido uma falta enorme do senhor. A saudade, instalada desde sua partida, tem dias que dói mais. Transborda por todos os poros, e sua ausência faz morada em minhas lembranças de forma mais marcante. Fecho os olhos e repito baixinho: ele não vai voltar. A morte levou-o. Repito em voz alta: "Papai não está aqui"; "Acabou!". Numa tentativa vã de me convencer de algo que nunca estarei convencida, embora saiba que é verdadeiro. Claro que o senhor continua presente em minha vida e me acompanhará para todo o sempre. Nessa permanência que só o amor explica. Mas, a presença que eu realmente queria, esta eu preciso aceitar que nunca mais terei. A impermanência, intrínseca à existência humana, faz parte dos "para sempre que sempre acabam".

Acabou a deliciosa carne de porco preparada por Ditiinha nos almoços de sábado, o sentar em baixo da árvore para conversar, a escuta atenciosa, o conselho, o discordar com tristeza, o ficar em silêncio olhando o nada que parecia caber tudo que nos unia, o seu balançar de cabeça quando ouvia alguma coisa que não lhe agradava, o olhar severo de reprovação diante de meus deslizes, e foram (são) tantos, seus olhos úmidos de emoção e orgulho quando lhe contava sobre minhas conquistas – tão pequenas, porém de grande significado para nós dois, as mãos crispadas diante da dor ou do medo que o senhor não verbalizava, o riscar no chão

como se desenhasse alguma resposta para as perguntas que desconhecíamos... Como sinto falta de tudo isso, papai! Do que vivemos e do que deixamos de viver.

Como dói não dividir com o senhor o crescimento de meus netos, seus bisnetos! Como faz falta seu humor contido. Seus comentários curtos durante as conversas aleatórias quando nos reuníamos. Eu continuo procurando o senhor em todos os lugares, mesmo sabendo que nunca mais o encontrarei. Embora, estranhamente, o senhor esteja em absolutamente tudo, e sua ausência não pare de gritar em meus ouvidos que sonham ouvir a sua voz outra vez.

Sua partida deixou-me incompleta. Uma parte de mim continua "presa" aos dias onde o senhor não era parte do passado e sim um grande e importante capítulo do meu presente; é muito estranha essa certeza(?) de um futuro inexistente. Há dias em que o "seguir em frente" é mais dolorido. Como seguir adiante deixando para trás aquele que não está em lugar algum, mas continua presente em toda parte?!...

O luto, nascido da orfandade, continua aqui. Não, ele não me impede de viver, sonhar, sentir alegria, no entanto me lembra, diuturnamente, de que não tenho mais o senhor. Que estamos separados, apesar de continuarmos juntos.

Tenho descoberto tantas coisas sobre a vida e a morte, temas que sempre me fascinaram, depois que o senhor partiu! Coisas que aprendi com



a dor e com o difícil exercício da orfandade, contudo preferiria ter aprendido nas leituras e escutas. Descobri que a dor e a saudade não passam. Mudam de estação. Amenizam. Mas não vão embora. Aprendi que o coração de uma filha que perde seu pai se quebra em mil pedaços e nunca mais consegue juntar "os cacos" que se transformam em um colorido vitral que reflete a dor, a saudade, a ausência, o sentimento de impotência e o choro. Que a consciência da finitude dos que amamos nos ensina muito mais sobre viver do que qualquer outra experiência. Que reconhecer a face da morte no rosto daqueles que amamos nos dá a exata dimensão de que a vida é apenas uma travessia, uma passagem, que o nunca mais nos apresenta os infinitos que

se interlaçam com a eternidade e mesclam de saudade as limitações humanas. Que o luto é pessoal e intransferível, e cada um tem a sua maneira de lidar com ele, que é uma experiência singular e que mesmo entre pessoas muito próximas as variáveis se manifestam de maneira diferente.

O luto não tem prazo de validade. Pode ser longo ou curto e isso não diz nada sobre como as pessoas se sentem em relação a quem partiu. O sentir é pessoal e, claro, diferente... A dor e a saudade não medem o tamanho do amor. O tempo do luto, também não!

Sei que já se passaram muitos anos, mas meu coração ainda veste o mesmo manto de luto e saudade e não aceita fechar a cortina e dizer adeus para sempre. Sempre soube

(?) que este momento poderia chegar, é natural que os filhos enterrem seus pais, porém isso não ameniza a saudade. Nada, nem o tempo que o senhor passou doente, me preparou para tal momento.

Hoje, a saudade está apertando o meu peito e embaçando a minha visão. A dor de sua partida está tão latente quanto no dia que recebi a notícia do acidente que ceifou a sua vida. Hoje, tudo que eu mais queria era ter poderes mágicos para voltar os ponteiros do tempo para aquela manhã de onze de setembro, quando o senhor ainda estava entre nós, e apagar aquela fatídica tarde que anoi-teceu grande parte de minha existência. Uma noite que não é sombria nem bela. Apenas não amanhece... Imagino que sejam assim as noites de insônia.

De Fato.com

Um produto da Santos Editora de Jornais Ltda.. Fundado em 28 de agosto de 2000, por César Santos e Carlos Santos.

Direção Geral: César Santos

Diretor de Redação: César Santos

Gerente Administrativa: Ângela Karina

Dep. de Assinaturas: Alvanir Carlos

www.defato.com **E-MAIL:** redacao@defato.com

TWITTER: @jornaldefato_rn

REDAÇÃO E OFICINAS: SEDE: Avenida Rio Branco, 2203, Centro, Mossoró-RN – CEP: 59.063-160

TELEFONES: (084) 99836-5320 (Mossoró)

COMERCIAL/ASSINATURAS (84) 99956-4810 - (84) 99485-3685